

A LINGÜÍSTICA APLICADA E A LINGÜÍSTICA

LÚCIA KOPSchITZ X. BASTOS
MARIA AUGUSTA BASTOS DE MATTOS
UNICAMP

FALANDO NISSO

Beatriz, de oito anos, levanta-se no meio da noite e pergunta à sua mãe: - O que é monótono?

A mãe lhe explica que uma coisa monótona é uma coisa sempre igual, sem variação; por exemplo, um dia monótono, um dia de um tom só. Mono, um. Monótono, um tom só.

Defronte a um texto em italiano, o tradutor deparou-se com a seguinte frase: "una via elevata trarrebbe problemi per i piani più alti dei palazzi" que, literalmente, significa: "uma via elevada traria problemas para os andares mais altos dos edifícios". Ora, pensou o tradutor, lembrando-se do elevado Paulo de Frontin no Rio de Janeiro e do Minhocão de São Paulo: "Um elevado interfere no 2º ou no 3º andar dos prédios, não nos andares mais altos. Será diferente lá em Roma, onde se passa a cena a ser traduzida?"

Nesse momento o autor visualizou a cidade de Roma, com edifícios baixos e entendeu: "Os andares altos de Roma são, para nossos arranha-céus, andares baixos".

E aí refez sua tradução: traduziu "più alti" (mais altos) por **mais baixos!**

Pai, por que você não fala forrrte? - pergunta o meninozinho carioca de três anos a seu pai, do interior paulista.

Escreve o poeta Carlos Drummond de Andrade:

"Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que todas me convêm.
As palavras não nascem amarradas,
elas saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livre por vezes um desenho,
são puras, largas, autênticas, indevassáveis.

(Consideração do poema)

Bit, aos três anos, olha uma placa de estrada e diz: "Lá está escrito Villebon".

- Como você sabe que lá está escrito Villebon? - perguntaram a ela.

E ela, triunfante:

- Porque eu não sei ler Villebon e lá tem uma palavra que eu não sei ler!

Beatriz, sua mãe, o tradutor perplexo, o menino carioca, a garota de três anos, o poeta Drummond, todos eles estão observando a linguagem: o sentido das palavras, sua formação, a possibilidade de tradução inesperada por causa das situações a que palavras de duas línguas se referem, o sotaque que cada uma imprime às palavras, hipóteses sobre leitura, a escrita de um poema.

Eles todos, para falar sobre a língua, utilizam-se da própria língua.

Há disciplinas das áreas de Ciências Humanas que sistematizam os estudos acerca das observações que os homens fazem sobre a língua. A Poética pode fazer isso, o estudo sobre os dialetos também; e a Lógica; as teorias de tradução; a Semântica; a arte de fazer dicionários.

O levantamento não se esgota aí. Nele caberá com destaque a Lingüística Aplicada, uma disciplina que também vai se ocupar e, **exclusivamente**, de situações em que o homem usa a língua para falar dela mesma.

Podemos, então, nos perguntar: qual seria o objeto da Lingüística Aplicada?

Essa questão não pode ser respondida em poucas palavras porque traz consigo várias outras dúvidas. Para respondê-la, teremos que discutir outros pontos, tais como:

Como diferenciar a Lingüística Aplicada das outras disciplinas que também trabalham com a linguagem?

Como é, efetivamente, um trabalho na área de Lingüística Aplicada?

A partir de que momento certas preocupações com esse uso da língua passaram a se constituir uma disciplina à parte?

Só discutindo esses pontos é que podemos nos aproximar do que seria Linguística Aplicada.

A LINGÜÍSTICA APLICADA NO BRASIL

Francisco Gomes de Matos em seu artigo "1965/1975: Dez anos de Linguística Aplicada no Brasil", publicado na Revista de Cultura Vozes, volume XIX, faz um levantamento dos principais eventos e publicações que dizem respeito à Linguística Aplicada em nosso país nesse período.

Segundo Francisco Gomes de Matos, a Linguística Aplicada manifestou-se oficialmente no Brasil em 1965, no 1º Seminário Brasileiro de Linguística, promovido pelo Yáziqi, no Rio de Janeiro. A partir daí, em outros encontros, passou-se a tratar especificamente da Linguística Aplicada: em 1967, o I Instituto Brasileiro de Linguística patrocinou um curso de Linguística Aplicada ao Ensino de Inglês; o V e o VI Seminários de Linguística do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (ambos em 1971) promoveram seu primeiro curso de Linguística Aplicada; em 1975, no XV Seminário do GEL houve uma mesa-redonda sobre a aplicação da Linguística ao Ensino do Português. A primeira possibilidade de formação na área específica de Linguística Aplicada ao ensino de língua surgiu em 1968 no programa de pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Museu Nacional (RJ).

O desenvolvimento da Linguística Aplicada no Brasil pode também ser elaborado através das publicações mais significativas para a área. Ainda com base no artigo de Francisco Gomes de Matos, apresentamos o seguinte levantamento:

- 1966: Lançamento de **Estudos Linguísticos** - Revista Brasileiro de Linguística Teórica e Aplicada, dirigida por Mattoso Câmara, Aryon Dall'Igna Rodrigues e Francisco Gomes de Matos.
- 1971: **Introdução à Linguística Aplicada** - (trad.) de Robert Lado, pela Editora Vozes.
- 1973: **Introdução à Linguística** de Leonor Scliar Cabral, primeiro livro brasileiro de introdução à linguística a tratar do papel da Linguística Aplicada no Brasil.
- 1974: **Psicologia e Ensino de Línguas** (trad.) de Wilger M. Rivers, pela Editora Cultrix.
- 1974: **Linguística e Ensino de Português** (trad.) de E. Genouvrier e J. Peytard; traduzido e adaptado por R. Ilari, editado pela Livraria Almedina (Coimbra).
- 1975: **A Metodologia do Ensino de Línguas** (trad.) de Wilger M. Rivers, pela Livraria Pioneira.

Para recuperar o desenvolvimento da Linguística Aplicada no Brasil a partir de 1975, baseamo-nos em publicações de encontros e congressos significativos na área de Linguística no país: 1º e 2º e 3º Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (UNICAMP, 1986 e 1989 e 1992); seminários do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL); reuniões da Associação Brasileira de Linguística

(ABRALIN) e o Encontro Nacional de Lingüística da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Em matéria de publicações, circulam atualmente: **Trabalhos em Lingüística Aplicada** (UNICAMP), **DELTA** (PUC de São Paulo), **Leitura: Teoria e Prática** (UNICAMP), **Linha d'Água** (Associação dos Professores de Língua e Literatura), **Letras de Hoje** (PUC do Rio Grande do Sul), **Leitura: Estudos Lingüísticos e Literários** (Universidade Federal de Alagoas), **Alfa** (UNESP), **Revista de Letras** (Universidade do Paraná), entre outras. Exceto a primeira publicação, as demais não se dizem específicas de Lingüística Aplicada mas a Lingüística Aplicada está contemplada em parte de seus trabalhos.

No que concerne à Lingüística Aplicada, dominam nos encontros científicos e nas publicações acadêmicas trabalhos relacionados a ensino-aprendizagem de língua materna ou estrangeira. O interesse nessas áreas centra-se em aspectos relacionados a produção e leitura de textos, avaliação, alfabetização, interação professor-aluno, interação leitor-texto. Alguns poucos trabalhos apresentados nesses encontros têm como tema a tradução, a lexicografia e o bilingüismo. São essas as fontes que tradicionalmente têm sido levadas em consideração nas pesquisas de Lingüística Aplicada.

O QUE SE ENTENDE POR LINGÜÍSTICA APLICADA

A VISÃO DOS LINGÜISTAS

Tradicionalmente, os lingüistas, ao falar de Lingüística Aplicada, sempre a concebem como aplicação de Lingüística teórica ou pura, seja a ensino das línguas, a documentação, a tradução, seja a ortofonia, tratamento da afasia, criação de línguas artificiais e aperfeiçoamento das técnicas de expressão.

Mattoso Câmara, por exemplo, afirma que enquanto a Lingüística descreve as estruturas das diversas línguas, a Lingüística Aplicada procura adequar essa descrição ao ensino.

OS LINGÜISTAS APLICADOS E SUA VISÃO

Hoje, os lingüistas aplicados definem a Lingüística Aplicada tentando distingui-la de uma lingüística restrita na medida em que ela buscaria subsídios não só na Lingüística mas também em outras áreas, por vezes consideradas mais relevantes, para esse fim, que a própria Lingüística.

Mostraremos, a seguir, diversas tentativas de definição de Lingüística Aplicada.

ENTRE A LINGÜÍSTICA E A EDUCAÇÃO

Percebendo algumas dificuldades no uso do termo **Lingüística Aplicada**, Bernard Spolsky (1980) propõe substituí-lo por **Lingüística Educacional**, que definiria um sub-campo da Lingüística com ligações íntimas coma Educação. Sua Lingüística Educacional nasceria, então, da intersecção entre linguagem e educação e seu campo iria além da simples aplicação da Lingüística à Educação.

A Lingüística Educacional extrai elementos dos vários campos da Lingüística e deles subtrai implicações para seu próprio campo. Assim, avanços de Lingüística teórica são importantes para a Lingüística Educacional no tocante a modelos de aquisição e teorias de aprendizagem das línguas. No entanto, estando a Lingüística Educacional na intersecção das áreas que estudam fatos sobre a língua e fatos sobre a aprendizagem de línguas, esses avanços não têm implicações diretas para a Lingüística Educacional.

Como se pode perceber, a Lingüística Educacional de Spolsky tem um conteúdo tão relacionado a ensino que permite a ele denominá-la de Lingüística Educacional. Mas esse mesmo fato também impede que haja a repercussão direta, no campo de sua Lingüística Aplicada, dos avanços feitos pela Lingüística Teórica.

LÍNGUA: UM PROBLEMA?

Em algumas das definições de Lingüística Aplicada acreditamos que ocorra uma confusão entre problema de língua e fenômeno lingüístico.

Para Spolsky, o ponto de partida do estudo de Lingüística Aplicada está sempre na detecção de um problema que deverá ser solucionado por uma teoria, lingüística ou não.

Também como Spolsky, Henry Widdowson (1980) define a Lingüística Aplicada como área de pesquisa relacionada a técnicas de ensino de línguas. Para ele, cabe à Lingüística Aplicada estabelecer conceitos apropriados ou modelos de descrição de língua no campo pedagógico. Quanto à questão do relacionamento entre Lingüística e Lingüística Aplicada, na opinião de Widdowson, ainda não foi demonstrado se a Lingüística fornece ou não "insights" para o ensino de línguas. No entanto, ele antecipa a solução dessa questão propondo que a Lingüística não seria a fonte mais adequada de modelos.

Já para Peter Strevens (1980), nenhuma disciplina monopoliza a teoria e a metodologia de Lingüística Aplicada, nem mesmo a Lingüística Teórica. Se houvesse uma mais importante que as outras, neste caso essa seria a Lingüística, diz ele.

Strevens vê a Lingüística Aplicada como uma abordagem multi-disciplinar para a solução de problemas com base na linguagem. Contudo, essa visão recorrente nas várias definições de Lingüística Aplicada - a detecção de problemas independentemente de teorias - é, para nós, um ponto bastante criticável pois só é possível a percepção de um problema a partir de uma concepção teórica que defina um modelo em confronto com o qual o objeto a ser analisado seja tomado como problema.

A nosso ver, o objetivo do estudo de Lingüística Aplicada não é - e nem poder ser - solucionar problemas. Insistimos em que o problema não existe em si; só existe dentro de uma perspectiva. Então, quando se fala em problemas, fala-se já a partir de uma perspectiva. Assim, a solução deles poderia vir em decorrência do desenvolvimento dos estudos, constituindo-se, deste modo, numa conseqüência mas nunca num objetivo pré-fixado.

Problemas não podem ser objetivo de uma ciência. Uma ciência tem como objetivo **fenômenos** que podem ou não vir a ser problemas (socialmente, psicologicamente, neurologicamente ...).

Em nossa perspectiva, não caberia à Lingüística Aplicada procurar soluções para problemas e sim propor explicações para fenômenos.

QUEM CONSTRÓI O OBJETO?

Há ainda um tipo de tratamento em que não se concebe Lingüística Aplicada como aplicação de Lingüística à prática de ensino de línguas. Aí encontramos a definição de Marilda Cavalcanti (1986). Para a autora, a pesquisa em Lingüística Aplicada é mais complexa que um exercício de aplicação de teorias.

Em sua definição, a Lingüística Aplicada, abrangente e multi-disciplinar, tem como objetivo a análise das questões de uso da linguagem em qualquer contexto: interação face-a-face ou à distância, mediada pelo texto.

O mais problemático de sua definição está no que ela propõe como percurso da pesquisa em Lingüística Aplicada: identificação de uma questão de uso da linguagem - busca de subsídios teóricos em diferentes áreas - análise da questão na prática - sugestões de encaminhamento.

Ora, a busca da teoria não pode ser feita ao acaso; já há um ponto de partida, ainda que difuso, ainda que multidisciplinar. Não existe esse pesquisador descomprometido, que veja o objeto sem ter anteriormente um ponto de vista, uma concepção a seu respeito.

Dizendo de outro modo: o objeto de pesquisa é **construído** pela própria teoria, ou seja, não se trabalha com dados mas sim com fatos. O pesquisador, no momento de construção dos fatos, já está imbuído de uma postura teórica determinada e é justamente essa sua posição que faz com que ele trate esses fatos de uma determinada maneira e não de outra.

POR UMA NOVA CONCEPÇÃO

Acreditamos que a Lingüística Aplicada não esteja comprometida com teorizações acerca da língua. Sua preocupação é com situações de uso de língua; seu objeto de estudo é definido pelas **situações de um uso que seja metalingüístico**.

Sem dúvida nenhuma, o lingüista aplicado deverá ter um conceito de língua que o norteie: a língua é interação entre os falantes, a língua é reflexo do social; a língua, ao contrário molda o social; a língua é comunicação; a língua é ação, etc.

Seu objeto, porém, é essa tal língua, em situação de uso metalingüístico.

Mas o que é metalingüístico nessa acepção?

Metalingüístico remete-nos à teoria da comunicação, na qual este termo se refere ao uso que se faz da linguagem para falar dela mesma. Os exemplos clássicos são as perguntas relativas a definições e denominações:

"O que significa X?"

"O que você quis dizer com Y?"

"Isto representa Z"

Aparentemente, então, o uso metalingüístico apresenta um caráter peculiar que é o da língua falar de si mesma. Acreditamos, porém, que não há, num uso metalingüístico, nada que seja diferente, na essência, dos demais usos da língua.

Isso significaria que ser metalingüístico seria algo mais do que usar a língua para falar explicitamente dela. Metalingüístico pode ser também o uso não percebido como tal, ou seja, não cabe na categoria do metalingüístico apenas aquilo que é uma reflexão explícita sobre a língua.

Para entender essa idéia pensemos nas demais funções propostas pela Teoria da Comunicação: a função fática, por exemplo, não deixa de ser fática só porque, numa dada situação, o receptor não percebe que o locutor falava apenas para manter o contacto; um sermão não deixa de ser um texto com função conativa só porque um dos ouvintes não adotou o comportamento esperado.

Do mesmo modo, pode-se não perceber o uso metalingüístico da língua sem que isso faça que a função metalingüística não se dê aí. Queremos dizer que a metalingüagem não precisa ser um fenômeno sempre reconhecido como tal para ser metalingüagem.

Além disso, a partir de certas teorias de Aquisição de Linguagem que postulam que já o balbúcio das crianças no berço tem função metalingüística, podemos dizer que a metalingüagem prescinde de qualquer intencionalidade.

Mais do que dizer que é metalingüístico também aquilo que nem é **conscientemente** metalingüístico, queremos alargar esse conceito para qualquer situação em que haja **operações sobre a linguagem**

E operar sobre a linguagem não é necessariamente procurar o sentido de uma palavra no dicionário, traduzir uma palavra de uma língua para outra, passar de um registro a outro, etc. Operar sobre a linguagem pode ser também:

- usar uma determinada palavra (pois esse uso implicou numa escolha que excluiu outros itens lexicais);
- usar a entonação para impressionar, para persuadir;
- empregar fórmulas de cortesia em ofícios e cartas oficiais;
- formular hipóteses sobre o uso de sua língua ou de uma língua estrangeira.

Na verdade, o uso metalingüístico está presente toda vez que se fala. Afinal, toda vez que se fala é como se um novo código se estabelecesse.

Falar já é operar sobre a linguagem. Falar, então, já é ser metalingüístico.

Para ilustrar essas idéias reproduzimos resumidamente uma crônica do semiólogo Umberto Eco (revista L'Espresso de 29.03.92) intitulada "Como dizer palavras odiosas num attimino" ("momentinho", justamente uma palavra "odiosa" para ele).

Diz ele:

Não há palavras bonitas fora de contexto, A palavra é bonita quando, num certo momento, num certo contexto, resolveu expressivamente a situação.

Do mesmo modo as palavras feias podem ser adequadas a um certo contexto: podem ser graciosas na boca de uma mãe falando com seu filhinho, podem ter sido metáforas sutilíssimas ao serem usadas pela primeira vez.

Como é então que uma palavra se torna odiosa?

O termo "fluidor" significando leitor, expectador e ouvinte ao mesmo tempo muito melhor que os grotescos termos "gozador" ou "degustador" - era bom porque abrangia os vários modos sensoriais de captação de uma obra artística (de uma música, de um balé, de um quadro, etc) e dava conta das diversas formas de apreciação de uma determinada obra (se através de umas olhadelas, de uma contemplação de 15 minutos, de diversas visitas à obra, etc).

O odioso foi o fato dessa palavra passar a ser usada por esnobismo e depois por espírito gregário, mesmo em situações em que não era necessária (Ex: "o museu recebeu a visita de 500 fruidores"). O que a tornou odiosa foi então o fato de ter a sociedade de massa se apropriado dela. Até Beethoven se torna odioso quando é usado como marca de uma distribuidora de gás...

As palavras ficam odiosas quando nos irrita a preguiça de quem, usando-as, deixa apodrecer no dicionário tantas belas palavras.

As palavras são inocentes. Nós é que, usando-as sem fantasia, as tornamos odiosas.

O que podemos ler dessa crônica?

O simples uso de um termo já é em si marca de esnobismo, de modismo ou, bem diferentemente disso, marca de criatividade, de adequação perfeita a uma situação.

O simples uso de um termo já significa que se fez um recorte no vocabulário deixando -se de lado outros considerados não adequados à situação, seja

- por ignorância do falante
- por esnobismo
- por imaginação criadora
- por busca da precisão vocabular,

seja lá por que for.

O importante é que o simples ato de falar foi um ato de operação sobre a língua, ato que - percebido ou não - é um ato metalingüístico.

Poderíamos igualmente caminhar pela Filosofia da Linguagem para chegar a uma reflexão sobre a metalinguagem.

A Lingüística é uma ciência que tem como meio seu próprio objeto, isto é, a Lingüística usa a língua para falar da própria língua. Daí a distinção que surgiu no Estruturalismo entre **linguagem objeto** e **metalinguagem**, ou seja, a linguagem da qual se fala e a linguagem na qual se fala.

Outra distinção, agora vinda da Pragmática, recobre a primeira: é a de uso/menção. A palavra Paris é **usada** em "Paris é uma cidade francesa" e **mencionada** em "Paris tem duas sílabas."

Uma mesma palavra designa ao mesmo tempo algo e ela mesma. Por sua vez, o nome da palavra é formado também pelo objeto que ele denota: o nome retrata sua referência.

Assim, falar de uma L1 exige uma L2 que a objective; falar de L2 exige uma L3 e assim por diante. São então várias as metalinguagens.

Mas se existir uma linguagem primeira que não pressupõe a existência de outra, ela não poderá dizer nada de si pois ela assim se pressuporia. Ora, uma língua assim não poderia ser falada. Nem falada nem aprendida pois a linguagem só se aprende pela linguagem. Então, não existe linguagem-objeto (no sentido de linguagem primária).

Se então pensarmos numa "linguagem comum", na "linguagem no uso", na linguagem "aqui e agora", na **linguagem não falada por nenhuma outra**, na **linguagem última**, teríamos que essa seria a metalinguagem.

Ora, se essa linguagem pode ser falada e fala de si mesma, ela é **metalinguagem** e **linguagem objeto**. Então: **não há metalinguagem**.

Essa linguagem é **diádica**: ela própria é parte de si mesma; nela se enlaçam linguagem objeto e metalinguagem, uso e menção. Essa linguagem não cessa de se citar.

Vimos então que, seja partindo de um alargamento da Teoria da Comunicação (pela qual chegamos a uma extensão mais ampla da atividade metalingüística) seja partindo da Filosofia da Linguagem (pela qual anulamos a diferenciação entre metalinguagem e língua-objeto), a noção de metalinguagem não se mantém como tal, mas refere-se a qualquer situação de interlocução.

Bem, é dessas situações de uso metalingüístico - tomado então nessa acepção - que a Lingüística Aplicada vai tratar.

Mas ela não tratará de todas essas situações pois senão a Lingüística Aplicada trataria de qualquer situação de "uso da fala" e aí voltaríamos a uma definição que já criticamos.

Quais então são as situações de uso metalingüístico enfocadas pela Lingüística Aplicada?

DE QUAIS DOS FENÔMENOS SE OCUPA A LINGÜÍSTICA APLICADA?

Todas as situações de uso metalingüístico seriam objeto de estudo da Lingüística Aplicada?

Não, apenas as situações de uso metalingüístico nas quais esse uso, que é instituído, interessa à perspectiva particular adotada pelo lingüista aplicado. Melhor

dizendo, situações de uso metalingüístico que essa perspectiva teórico-crítica em Lingüística Aplicada buscaria alterar, problematizar.

E o que é problematizar aquilo que está instituído?

É, por exemplo, criticar critérios, métodos e fundamentos da tradução; reconsiderar as relações tidas como assimétricas (professor/aluno; aluno/leitor; nativo/estrangeiro; médico/paciente; pais/filhos); buscar critérios para elaboração de dicionários; avaliar materiais didáticos, etc.

Note-se que essa problematização tem que refletir a amplitude crítica da Lingüística Aplicada: assim, ao criticar critérios e métodos, a Lingüística Aplicada estará buscando os processos pelos quais esses critérios são estabelecidos, esses métodos são elaborados. Analisar critérios e métodos sem saltar para um plano diferente seria ficar no âmbito da crítica interna, seria não problematizar. Seria ser "terapêutico".

A Lingüística Aplicada não pode ser uma disciplina que se proponha a resolver situações problemáticas (como deixam transparecer muitas das definições dessa disciplina).

COMEÇAR PELO FIM

Por querer provocar transformações de fenômenos, podemos dizer que a Lingüística Aplicada tem uma finalidade **prática**.

Como já dissemos, uma ciência constrói seu objeto, isto é, constrói os fatos para estudo a partir de uma concepção teórica independente desse objeto. Nessa perspectiva, uma situação de uso metalingüístico será ou não objeto da reflexão de Lingüística Aplicada dependendo das posições de quem faz Lingüística Aplicada.

A Lingüística Aplicada **antecipa** sua finalidade prática de se voltar para a própria língua no seu trabalho de definir se uma situação de uso metalingüístico qualquer será ou não objeto de sua reflexão.

Podemos dizer que é o fim apriorístico da Lingüística Aplicada na delimitação das situações que serão objeto de seu estudo que a distingue da Lingüística. Nesse sentido é que se deve ter presente que é preciso começar pelo fim.

CONTRA A PRESCRITIVIDADE E A TERAPÊUTICA

Pois bem, vimos que alguns dos usos metalingüísticos podem ser tomados como objeto para a Lingüística Aplicada. Retomemos pois o que é o uso metalingüístico.

Se tomarmos por metalingüístico apenas o que se refere ao código, como se faz na teoria da comunicação, pode parecer que o caráter metalingüístico dessa disciplina confira a ela um outro caráter: o da prescritividade, estabelecendo o que é correto de um lado e o que é incorreto do outro. Afinal, quando se lida com um código lida-se com um modelo, um quadro fechado.

De acordo com nosso ponto de vista, no entanto, a função metalingüística é dupla: se, por um lado pode assumir um caráter prescritivo, pedagógico e integrar usos da linguagem, por outro lado ela poderá assumir um caráter crítico na medida em que contesta esses usos. Como se sabe, a gente sempre pode dizer "em outras palavras"...

Então, a Lingüística Aplicada, ao problematizar situações de uso metalingüístico vai se valer desse caráter **crítico** da função metalingüística da linguagem.

Assim, por exemplo, a Lingüística Aplicada questionará a existência de procedimentos que legitimam os processos de tradução, de lexicografia, de leitura e produção de textos, de alfabetização.

Se retomarmos o que apresentamos no levantamento histórico, podemos observar que a Lingüística Aplicada trabalhou até então sobretudo com questões de ensino/ aprendizagem de línguas, a ponto de Spolsky propor que ela seja denominada Lingüística Educacional, intersecção de linguagem e educação.

Ora, não é difícil de se entender a razão de ser o ensino de línguas a tônica dos estudos de Lingüística Aplicada: para ensinar e aprender uma língua, tradicionalmente há um apelo forte ao caráter prescritivo e terapêutico da função metalingüística.

Podemos dizer mais: em nossa perspectiva, não é só para problematizar as situações de uso que a Lingüística Aplicada faz apelo ao caráter crítico da função metalingüística: é também para **constituí-las mesmo como objeto de seu estudo**. Devemos problematizar a situação para que ela passe a se constituir nosso objeto.

TRÊS CARACTERÍSTICAS

Definimos o objeto da Lingüística Aplicada como sendo algumas situações de uso metalingüístico. Sabemos que o fenômeno da linguagem é múltiplo porque não há modelo que estabeleça sua configuração, não há uma forma única de ser apreendido, de ser caracterizado. Assim, da definição de seu objeto, decorre o caráter **multidisciplinar** da Lingüística Aplicada. No entanto, o tratamento, a teoria que se vai construir pode privilegiar apenas um aspecto do tratamento do fenômeno, apenas um dos fatores que intervêm na linguagem: o cognitivo, o histórico, o social, etc.

Também da definição de seu objeto, e só nesse sentido, decorre seu caráter **prático**: tratar de situações de uso, construídas **a priori** como objeto. Isso no entanto, não impede que seus estudos sejam totalmente teóricos, descritivos, explicativos. Pode-se fazer uma reflexão sobre leitura, sobre aprendizagem de língua estrangeira, sobre confecção de dicionários sem que o pesquisador tenha que necessariamente recorrer a dados empíricos para análise.

Quanto à terceira característica da Lingüística Aplicada, a **aplicabilidade**, esta decorre não do seu objeto mas do fato da Lingüística Aplicada trabalhar com o uso de algo que já é recoberto por outra disciplina, isto é, com o fato dela trabalhar com a língua. Seu caráter de aplicação decorre, então, da própria constituição da disciplina: trata-se mesmo - a nosso ver - da aplicação de um estudo de base lingüística a uma determinada situação.

Não devemos confundir estes dois aspectos: o prático e o aplicado. O caráter prático provém do objeto (as situações de uso) ao passo que o caráter aplicado provém da constituição da disciplina.

Como se pode perceber, não estamos propondo novas características à Linguística Aplicada. Estamos apenas lendo-as de nossa perspectiva e é dela que podemos dizer que a Linguística Aplicada é **multidisciplinar** mas seus trabalhos podem ter uma abordagem **única**; que é **prática** mas que seus trabalhos podem ser **teóricos**; e que é **aplicada** porque é **lingüística**.

A LINGÜÍSTICA APLICADA E A LINGÜÍSTICA

Qualquer lingüista pode ser um "lingüista aplicado". Um lingüista aplicado é, antes de tudo, um lingüista.

É dessa maneira que a Linguística Aplicada segue os passos dados na história da Linguística; mais do que isso, incorpora seus avanços.

Observando o desenvolvimento da Linguística, notamos que ela passou a buscar subsídios em outros campos, ou melhor, ela foi incorporando certos fatos antes desconsiderados por ela. Em outras palavras, a Linguística passou a entender como lingüísticos certos aspectos até então vistos como extra-lingüísticos.

Um caso de indisciplina em sala de aula que hoje pode ser tomado, por exemplo, como reflexo de recusa do aluno em abandonar sua variedade de língua, e, assim, como objeto de reflexão da Linguística Aplicada, era visto antes da Linguística incorporar o social ao lingüístico - como um problema puramente pedagógico. Isso significa que, simultaneamente à constituição dos objetos da Linguística Aplicada, há novas delimitações nos campos das outras ciências envolvidas.

O que faz a Linguística aplicada é incorporar esses aspectos na sua constituição como disciplina, isto é, a Linguística Aplicada vai sempre - e mais - se constituindo como ciência de caráter interdisciplinar, ciência que acolhe contribuições de áreas da história, sociologia, da psicologia, etc.

Dizemos que a Linguística Aplicada usa elementos da Linguística e de outras ciências mas devemos entender que essas outras ciências são sempre e só aquelas cujos elementos são contemplados por algum dos ramos - ou desenvolvimentos - da própria Linguística dado exatamente o fato de que a Linguística Aplicada tem como objeto elementos de linguagem.

Assim é que se recorre a dados históricos, psicológicos, sociológicos, antropológicos, educacionais, estatísticos para se fazer um estudo em Linguística Aplicada, sempre pelo viés da linguagem enquanto fenômeno a ser abordado e da Linguística enquanto tratamento teórico da linguagem

Se a Linguística Aplicada é hoje a convergência de diversas áreas, isso se dá porque ela acompanha o desenvolvimento da Linguística na sua trajetória de compreender o fenômeno da Linguagem.

O QUE ESTUDAR

Já vimos que a Linguística Aplicada não constrói seu objeto a partir de um conceito determinado de língua estabelecido pela Linguística e que isso é que vai possibilitar que pesquisadores de qualquer campo de estudos de linguagem dediquem-se à Linguística Aplicada.

O que determina se um dado estudo vai ser ou não de Linguística Aplicada é o fato de que a pesquisa tem um fim apriorístico na delimitação de seu objeto. Para ser um estudo em Linguística Aplicada, é preciso que seja entendido como necessário o fato de que se queira interferir, de alguma maneira, na situação de uso metalingüístico enfocada.

Pensemos nos estudos sobre leitura:

1. Há trabalhos sobre leitura que têm por interesse o processo em si, sem a consideração de aspectos de ensino e aprendizagem. São estudos puramente lingüísticos. Os pontos levantados nesses trabalhos podem até aclarar, para o professor ou para os alunos, algumas questões acerca da prática de leitura; por exemplo, o professor e os alunos podem vir a ter uma visão mais clara de que a "leitura ideal de um texto", a leitura legitimada historicamente, é aquela ideologicamente dominante. Desse tipo de estudo podem surgir, então, reflexões sobre a prática pedagógica mas isso não basta para que tal estudo seja de Linguística Aplicada.

2. Há outros trabalhos cuja finalidade específica é interferir, por exemplo, nos processos de ensino e aprendizagem de leitura na escola. São estudos de Linguística Aplicada. É o caso de trabalhos que têm por objetivo propiciar a viabilização da leitura.

Assim, vemos que um lingüista pode fazer de um estudo sobre leitura um estudo de Linguística Aplicada. Ou não. O lingüista aplicado é, portanto, um lingüista com pretensões específicas quanto à prática.

Além disso, a formação específica do lingüista vai determinar a perspectiva de seu estudo em Linguística Aplicada.

Por exemplo, um especialista em Fonética e Fonologia pode falar sobre ensino de escrita a partir de uma visão que revele sua especialização. Em seu trabalho, entre outras coisas, procura razões pelas quais consoantes surdas são trocadas por sonoras, ou chama a atenção para o fato de que, nos ditados, é preciso usar a pronúncia normal dos segmentos, da entonação e do ritmo.

Já um especialista em Análise de Discurso pode propor que o professor explicita os mecanismos discursivos que fazem parte do uso da linguagem para que se chegue ao processo de significação de um texto.

Esses dois casos, embora distintos, são exemplos de estudos em Linguística Aplicada na medida em que o objetivo de ambos é o de alterar situações de usos metalingüísticos consagrados, legitimados, e sobre os quais não se faz uma reflexão crítica: nestes casos, o ensino da escrita e da leitura.

Concluímos, assim, que a grande finalidade dos estudos em Lingüística Aplicada é fornecer subsídios para que as pessoas envolvidas na situação de uso lingüístico enfocada reflitam sobre ela criticamente. Nesse sentido - insistimos - não é uma disciplina terapêutica.

Para finalizar, resta dizer que, na realidade, o objeto da Lingüística Aplicada só se define como tal porque a Lingüística Aplicada, como qualquer disciplina científica, define-se por meio de mecanismos institucionais.

Na institucionalização de uma disciplina, é o arcabouço de conceitos e mesmo a linguagem que lhe é própria que revelam seu objeto de estudo. É esse mesmo fato que vela a visão sobre o objeto, que assim fica submetido às determinações que o constituem.

Não se pode deixar de reconhecer que a institucionalização do saber, neste caso a do saber sobre a linguagem, é necessária para a definição da ciência; mas não se pode igualmente deixar de reconhecer que isso tem um preço: uma conformação específica do saber que pode levar à perda de sua complexidade e multiplicidade.

BIBLIOGRAFIA

- BALLY, D. Pour une application de la linguistique théorique à l'enseignement des langues. **Langages** 39. Paris, Didier-Larousse, 1975.
- CAVALCANTI, M.C. A propósito de Lingüística Aplicada. **Trabalhos em Lingüística Aplicada** 7. Campinas, Unicamp, 1986.
- CORDER, S.P. **Introducing Applied Linguistics**. Harmonds Worth, Penguin, 1973.
- GOMES DE MATTOS. 1965/1975: Dez anos de Lingüística Aplicada no Brasil. **Revista de Cultura Vozes** XIX. Rio de Janeiro, Vozes, 1976.
- MATTOSO CÂMARA, J. **Princípios de Lingüística Geral**. 4 ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1973.
- MILLER, J.-A. U ou "iln'y a paz de meta-langage." **Ornicar ?** Bulletin périodique du champ freudien. 5 1975/76.
- ORLANDI, E.P. **O que é lingüística**. Col. Primeiros Passos. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- RAJAGOPALAN, K. "Filosofia da Lingüística: o que é e para que serve?" Comunicação apresentada na 39 reunião anual da SBPC Brasília, 1987.
- REBOUL, O. **Langage et idéologie**. Paris, PUF, 1980.

SPOLSKY, B. On the scope of Linguistics, Applied and non. In: **On the scope of Applied Linguistics**.

STREVENS, P. Who are Applied Linguists and what do they do ? In: KAPLAN, R.B. (org.) **On the scope of Applied Linguistics**. Newbury House, 1980.

WIDDOWSON, H.G. **Explorations in Applied Linguistics**. Oxford, Oxford University Press, 1980.

ANEXO

LA BUSTINA DI MINERVA DI UMBERTO ECO

COME DIRE PAROLE ODIOSE IN UN ATTIMINO

Il supplemento "Tuttolibri" del quotidiano "La Stampa" ha iniziato un referendum tra i lettori per stabilire quali siano la parola più odiata e quella più amata, e ha dato l'avvio con il parere di alcuni scrittori. Mi trovo d'accordo con le prime risposte, almeno per quel che concerne la parola odiata (e mi associo e ritengono odioso attimino, ottimizzare e fruitore).

Dove mi sento più smarrito è nel dire quale sia una parola che amo. Certo, mi piacciono in inglese "flabbergasted", "discombabulated", "preposterous" e "jeopardize", in tedesco "gemütlich", in spagnolo "desarrollo" e in francese "à savoir", ma sono reazioni giocose da xenoglotta (bella anche questa). In italiano non lo so, perché è bella la parola che in quel momento, in quel contesto, ti risolve espressivamente la situazione, e cade a proposito. "Naufragar" è bellissimo in Leopardi e può diventare banale parlando dell'insuccesso di un progetto, e odiosa a chi pensa al naufragio di una vagheggiata convivenza amorosa. Su "Tuttolibri" Camon trova bellissimo "amante" e sgradevole "moglie", ma io non riesco a liberarmi dai ricordi piccolo-borghesi della mia infanzia in cui con 'la sua amante' si designava una signora vistosamente truccata ed eccessivamente impellicciata che si incontrava con un commendatore grasso in uno squallido bar di periferia davanti a un vassoio di cioccolatini.

Ma se, fuori contesto, non ci sono parole più belle delle altre, non si dovrebbe dire lo stesso anche per le parole odiose? "Un attimino" potrebbe suonar grazioso sulla bocca di una mamma che vuol tener buono il bambino. E la parola che io odio di più, e che è "coniugare"? Forse la prima volta che è stata usata suonava come una arditata metafora. Ed "esatto" invece di "sì"? Nelle prime trasmissioni di "Lascia o raddoppia" cadeva a proposito, era come un grido di vittoria, celebrava la millimetrica precisione di una memoria prodigiosa.

Quando è allora che una parola diventa odiosa? Camon non sopporta "fruitore". Ma io ricordo che quando, sul finire degli anni Cinquanta, iniziai ad usarla (credo) Gillo Dorfles, in molti l'adottammo con grande soddisfazione, perché ci sottraeva all'ingratto obbligo di scegliere impropriamente tra lettore, spettatore o ascoltatore quando si parlava di diverse arti insieme (e dove apparivano grottesche espressioni come gotitore o degustatore). Fruitore era neutro: la bellezza è un bene, di cui si può godere in molti modi. Di fronte a un quadro di Piero della Francesca, Longhi spendeva una vita, alcuni lo rivisitano ogni tanto (magari in riproduzione), e gli dedicano un quarto d'ora di sensibile compiacimento, altri lo guardano di sfuggita percorrendo le sale di un museo, e tuttavia capiscono che è bello. Fruitore era un buon termine neutro che poteva definire insieme questi modi diversi di accedere all'arte.

Che cosa ha reso odiosa questa parola? Il fatto che per snobismo dapprima, e spirito gregario poi, la si sia usata anche quando non era necessario, per esempio dicendo che quella tal mostra era stata visitata da molti fruitori, quando bastava parlare di molti visitatori. Quello che rende odiose le parole è il fatto che la società di massa se ne appropria e le usa a ogni pie' sospinto. Anche Beethoven diventa odioso quando viene usato come sigla di una compagnia di radiotaxi.

Immaginate di aver conosciuto una volta sulle scale un coinquilino: vi ha invitato a prendere un caffè al bar, vi ha raccontato una barzelletta, non travolgente ma neppure sgradevole. Direte che è una persona simpatica e per bene. Immaginate ora di incontrarlo tutti i giorni, tre volte al giorno, e quello ogni volta vi impone un caffè e una barzelletta. Entro breve tempo desidererete strozzarlo. Così accade con le parole.

Soprattutto le parole diventano odiose quando ci irrita la pigrizia di chi, usandole, lascia marcire nel vocabolario tante altre belle parole. Pensate quante possibilità avremmo di dire (invece che "un attimino") che ci apprestiamo a fare qualcosa entro breve tempo: quasi subito, in un istante, in un batter d'occhio, in meno d'un minuto, in un lampo, in un battibaleno, in un frullar d'ali, in un nanosecondo, in un trascurabile segmento d'eternità...

No, non esistono brutte parole, e persino il cacofonico "protrudere" (per non dire di "protrusi", "protrudesti" e "se essi avessero protruso"), potrebbe suonare appropriato e grazioso nel contesto adatto. Le parole sono innocenti. Siamo noi che, usandole senza fantasia, le rendiamo odiose.

L'Espresso, 29 marzo 1992